

*Borrador de Capítulo en Edición en “Diálogos em estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais Almeida & Russo Eds. (por venir, 2015-2016). Revisar está página para citación.*

## **PRESERVATION OF SIGN LANGUAGE (VEDITZ, 1913): UMA LEITURA DAS NORMAS SURDAS DE TRADUÇÃO PARA AMÉRICA LATINA.**

**Alex G. Barreto**

Universidade Nacional Aberta e a Distância de Colômbia – UNAD.

[alex.barreto@unad.edu.co](mailto:alex.barreto@unad.edu.co)

Existe uma conexão sócio-histórica e cultural recíproca entre as comunidades de surdos e a sua TILS. (cfr. Gentzler, 1993, apud. Moya, 2004) Esta conexão tem sido pouco abordada na literatura sobre o campo. O marco conceitual que proponho para analisar este fenômeno é a categoria de *normas preliminares de tradução* (Toury, 2004). A minha proposta é fazer numa leitura particular dos processos da TILS gerados em torno dum texto em ASL (Veditz, 2010 [1913]). Eu vou começar por discutir brevemente as abordagens respeito das Normas Surdas de Tradução. Considerarei a redescoberta do texto em ASL (Olson & van Cleve, 2004) e os processos de reescritura em Inglês, pelo mesmo autor (Veditz, 1915, apud. Padden, 2004, p 248), por uma autora surda (Padden & Humphries, 1988), por um ouvinte ao espanhol (Oviedo, 2006) e a outras línguas sinalizadas (Jacobowitz & Smith, 2004). Concluirei com uma reflexão sobre esta abordagem ao estudo das Normas Surdas de Tradução - NST na América Latina.

### **RELAÇÕES RECÍPROCAS DE SISTEMAS NOS ESTUDOS SOCIAIS E ESTUDOS DE TRADUÇÃO: UMA VISÃO GERAL**

Há uma tradição acadêmica longa com respeito à reciprocidade ao interior dos sistemas sociais (por exemplo, Parsons, 1966; Durkheim, 1982 [1894]). O funcionalismo tornou-se o paradigma social que perguntava sobre as regularidades dentro da sociedade, e definiu a reciprocidade como uma troca de benefícios, a fim de encontrar *consequents*, ou seja, os propósitos ou “funções” (Gouldner, 1960). As teses funcionalistas são basicamente três:

- i . uma atividade ou instituição social tem *funções latentes*, em benefício de outra atividade;
- ii . qualquer atividade social contribui para a estabilidade do sistema, e
- iii . as sociedades têm necessidades que precisam ser satisfeitas e as atividades sociais contribuem a mesma satisfação.

A discussão sobre os sistemas de reciprocidade é útil para descrever e compreender uma dinâmica social como é a *tradução*, mesma que poderia ser descrita em termos de uma atividade

social que satisfaz as necessidades de comunidades linguísticas em períodos sócio-históricos específicos, que contribui para a “estabilidade” dos sistemas e parece ter a função latente de beneficiar de outras atividades.

Muitas vezes, o conceito de sistema é trocado livremente com o conceito de norma quando se fala de normas surdas de tradução. Agora, há quatro razões pelas quais os pesquisadores devem ter cuidado quando se trabalha com esses conceitos funcionalistas (cfr. Ryan, 1970 e Cohen, 1968; apud. Abercrombie, Hill e Turner, 1998).

- i . Como alguns teóricos observaram anteriormente, a abordagem funcionalista não pode explicar alguns fenômenos que não estão dentro do escopo de seus mesmos termos, por exemplo, a sobrevivência ou o conflito, aparentemente sem função clara.
- ii . O conceito de "sistema recíproco" é previsível e estável, o que não explica por que a mudança social histórica acontece.
- iii . O conceito de *Norma* poderia ser uma espécie de teleologia, ou seja, uma forma de explicar a existência de atividades sociais só em termos de seus efeitos ou consequências. No entanto, esta abordagem limita a compreensão de outros processos não relacionados com os efeitos ou consequências tardias.
- iv . A abordagem funcionalista ignora significados individuais construídos pelos indivíduos através da história, que é negligenciado devido à busca de “regularidades”.

Estudos têm demonstrado que os sistemas interagem com um conjunto de contingências que não seguem sempre regularidades. Eles estão sujeitos à imprevisibilidade do comportamento humano. Portanto, é preciso entender as inter-relações entre os sistemas como uma ferramenta *descritiva* geradoras de hipótese da realidade social em um determinado momento, enquanto um dispositivo *explicativo* certo de tais fenômenos.

O conceito de norma de tradução foi uma proposta de Gideon Toury (2004). Curiosamente Toury não define as normas como preditores absolutos para explicar o comportamento social (cf. funcionalismo). Reconhecendo as dificuldades em qualquer tentativa de explicar as normas de tradução, Toury aponta duas funções inerentes ao conceito de norma: ‘the *socio-cultural specificity* of norms and their basic *instability*’ (Toury, 1995, pág. 59).

Portanto, qualquer relação entre as normas de tradução de comunidades surdas na Europa, América do Norte ou na América Latina deve ser entendida como suposições sobre a realidade social. Como Toury escreve,

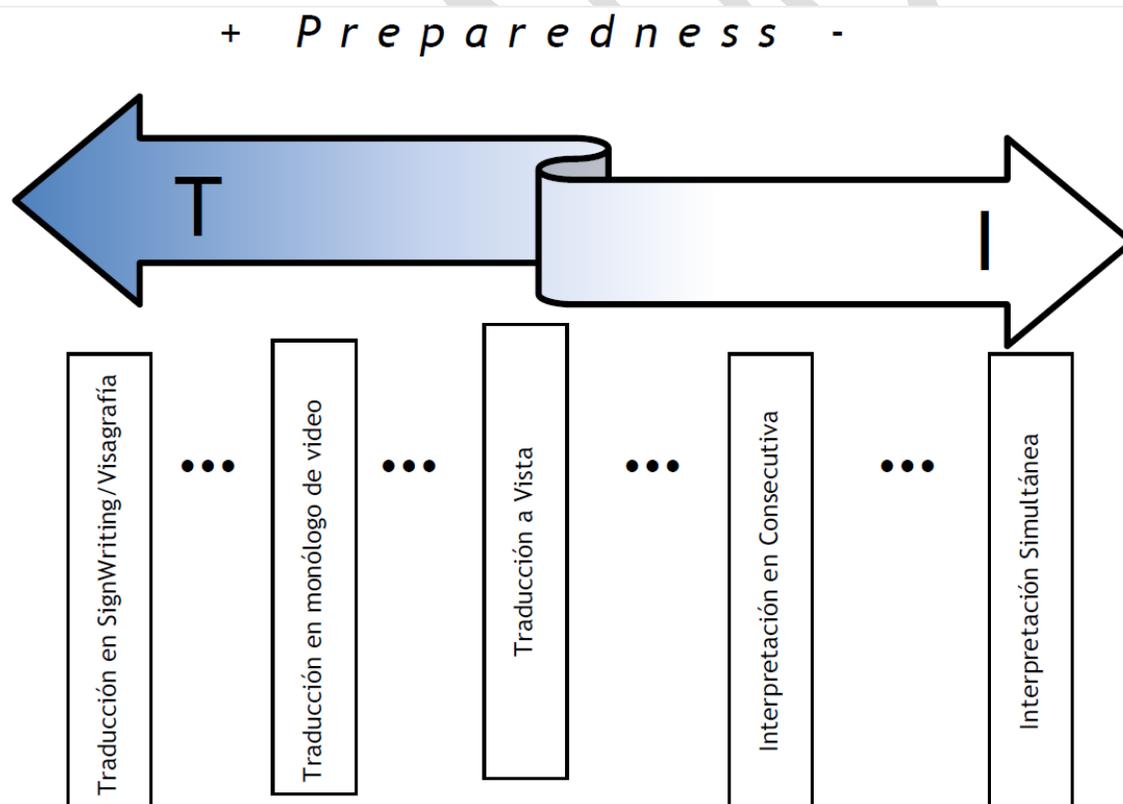
*A decisão sobre o que pode ter acontecido "realmente", portanto, está ligado à descrição: O que é depois são hipóteses explicativas (mais ou menos convincentes), não necessariamente contas 'da-vida-real' , das quais nunca se pode ter certeza de qualquer maneira.<sup>1</sup>*  
(Toury, 1995; p. 59)

---

<sup>1</sup> “The decision as to what may have 'really' taken place is thus description-bound: What one is after is (more or less cogent) explanatory hypotheses, not necessarily 'true-to-life' accounts, which one can never be sure of anyway.” Todas as traduções são do autor do texto, a menos que, se especifique o contrário.

## As Normas Surdas de Tradução (NST)

A abordagem mais abrangente para as NST foi escrita por Christopher Stone, em seu *Toward Deaf Translation Norm (2009)*. Em seu livro, o autor descreve os aspectos matriciais prosódicos (cf. Normas Operacionais de tradução) dos textos em *British Sign Language* (BSL) produzidos por tradutores surdos no contexto da televisão. Nestes textos, foram observadas diferenças significativas em relação aos textos produzidos pelos intérpretes ouvintes. O trabalho de Stone é um dos primeiros a aplicar corretamente os conceitos de Estudos de Tradução para os fenômenos da língua de sinais, particularmente às NST. Ele estabelece que a tradução de língua de sinais constitua-se uma atividade distinta a interpretação de língua de sinais ao interior dum contínuo de gradações, o qual se ilustra na seguinte figura<sup>2</sup>.



<sup>2</sup> Para Stone, a tradução diferencia-se da interpretação por sua estrutura. No entanto, há distintos níveis ou formas tradutórias que são mais semelhantes a tradução que a interpretação. Estas diferenças podem ser reconhecidas por o 'grau de preparação' (*preparedness*) que recebem os textos na língua de sinais. Os textos espontâneos são mais perto da interpretação, em tanto, os textos na língua de sinais que passam por diversos processos (revisões, filmagem em vídeo, escrita, reescrita, preparação) são mais perto à tradução.

**Figura 1:** Continuum entre tradução e interpretação de língua de sinais no Barreto & Bustos (2012)

No entanto, a posição da Stone na tradução e interpretação da língua de sinais não reflete as pesquisas amplamente existentes. Essa diferença tem sido abordada com abordagens superficiais do campo da interpretação anglo-americana; o grupo de pesquisa com maior tradição no área (cf. Napier, McKee e Goswell 2010, Metzger, 2010; Janzen, 2005). Na maioria dos estudos atuais, tem-se evidenciado um interesse exploratório de apenas investigar as origens culturais, históricas e da 'comunidade de interpretação' de língua de sinais (Napier, 2010, p. 67-8) (Ball, 2013) (Fernández, Muslera, Pereyra, Tancredi, & Villa, 2010). Muito do que poderia ser chamado como "referências" às NST em documentos em inglês, têm-se centrado sobre o papel dos intérpretes surdos como auxiliares dentro de uma equipe colaborativa com intérpretes ouvintes no contexto de "as melhores práticas" na interpretação de língua de sinais (Ver Allen, et al., 2012). Na maioria dos trabalhos, a história de intérpretes e tradutores surdos é simplificada ou invisível.

Os processos tradutórios estão sujeitos a certa invisibilidade inerente a sua dinâmica. (cf. Rosa, 2008). Embora, há pelo menos duas razões para uma invisibilidade da tradução e da interpretação como *um processo holístico*: primeiro, que tomou-se a interpretação moderna de língua de sinais feita por ouvintes, como o estado de evolução mais elaborado de processos de tradução nas comunidades surdas; e segundo, certo "mentalismo" dos primeiros estudos no campo tem se concentrado em otimizar os processos cognitivos de interpretação simultânea (ver revisão por Russell, 2002, 2005) ou processos discursivos (Napier, 2002) (Metzger, 2002), principalmente em resposta ao que o mercado de interpretação exige (ou seja, treinar e qualificar intérpretes ouvintes para a inclusão escolar e assistência, afirmar serviços sociais e conferências). Este campo de polarização da pesquisa demonstra um desenvolvimento sócio-histórico e político da profissão condicionado específico que tem deixado de lado, a discussão teórica sobre os processos culturais da tradução e a interpretação.

Como Stone, no Brasil alguns pesquisadores começaram a aplicar os estudos da tradução (Rosa, 2008), estudos de conversação (Leite, 2005) e estudos interdisciplinares (Albres e Santiago, 2012) (Quadros, Fleetwood e Metzger, 2013) a análise da tradução e interpretação de língua de sinais. Principalmente, os pesquisadores surdos têm estudado as características do modo de tradução de Português para LIBRAS (língua brasileira de sinais) (Segala, 2010) e a tradução da poesia de Surdos (Machado, 2013). Vale a pena notar que, Saulo Xavier de Souza aplicou explicitamente as categorias de Stone (2009) para analisar o contexto dos processos de tradução no *e-learning* no âmbito da Universidade (Souza, 2010a, 2010b). Embora, o tratamento das NST no Brasil tem sido inicialmente focado em aspectos linguísticos e textuais, pouco tem escrito sobre aspectos culturais da NTS. É importante dizer que os estudos de tradução e interpretação da língua de sinais (ETILS) brasileiros fizeram bons progressos na abordagem integrada para tradução e interpretação de língua de sinais. Por exemplo, de acordo com Pereira (2010), até 2009, o Brasil já havia desenvolvido 36 de pesquisa (mestrado e doutorado) sobre a interpretação e tradução da língua brasileira de sinais, alguns deles foram dedicados à história da interpretação (Barazzutti, 2012) e os efeitos de Estudos de Tradução

em programas de formação de intérpretes (Santos, não publicado), embora não seja exatamente propriamente bajo paradigma da NST.

Em conclusão, penso que é importante recalcar a síntese de Pereira (2010, p 115) onde ela traz as principais áreas em que o campo de pesquisa no Brasil tornaram-se visíveis, eu adotaria como a “tendência latino-americana” dos ETILs:

- i. Estudos de Gênero (de acordo com Pereira, da obra mencionada apenas quatro trabalhos são feitos por homens, abrindo rico panorama da discussão sobre o assunto)
- ii. Registros de pesquisa de instituições religiosas e educacionais para surdos, onde muitos da primeira geração de intérpretes de língua de sinais surgiu.
- iii. História de resgate intérpretes informais: família, amigos, igreja, etc.
- iv. Investigação específica sobre o tradutor e / ou intérprete surdo (Embora já começado, ainda há muito a investigar nesta área)
- v. Interseção entre a evolução da educação de surdos, o estabelecimento de Estudos Surdos e a legislação que ampara os direitos dos surdos, assim como os diferentes tipos de trabalhos dos interpretes.

No entanto, as investigações sobre as NST não têm focado o surgimento de tradução/interpretação dentro do paradigma histórico e sistemático do Toury. Pesquisadores têm utilizado apenas um elemento do quadro das normas de tradução, ou seja, as normas operacionais de tradução, que são “as decisões de micro nível que concernem a um texto específico a ser transmitido de uma língua a outra”<sup>3</sup> (Stone , 2009, p. xi), mas não, normas preliminares de tradução, que “*tem que ver com dois conjuntos de considerações as quais estão geralmente interconectadas: aquelas com respeito à existência e naturaliza certa duma política definida de tradução, y aquelas relacionadas com o grado de directividade da tradução*”<sup>4</sup> (Toury, 1995, p. 58). Os estudos em NST hoje parecem postular as normas da tradução como um quadro analítico e a-histórico, quando a concepção touriana parece ir em outra direção. Como menciona Toury:

A aparente contradição entre um conceito tradicional de equivalência e modelo limitado em que nos têm dito que a tradução é moldada só pode ser resolvido postulando que **são as normas as que determinam o tipo e grau de equivalência que mostram as traduções reais**. O estudo das regras é vital para estabelecer como tem atualizado o postulado da relacional-funcional da equivalência [...]: num texto traduzido, o trabalho de um único tradutor ou "escola" de tradutores, num período histórico dado ou qualquer outra opção justificável. Nossa abordagem envolve um claro desejo de manter a noção de equivalência que várias abordagens contemporâneas (por exemplo Hönig e Kussmaul 1982, Holz-Mänttari 1984, Snell-Hornby 1988) tentaram eliminar, mas introduzir uma mudança fundamental: dum conceito a-histórico, basicamente prescritivo, passamos a um histórico. Ao invés de ser uma relação única, que denota um tipo recorrente de invariante, refere-se a qualquer

---

<sup>3</sup> the microlevel translation decisions concernig the specific text to be rendered from one language to another

<sup>4</sup> have to do with two main sets of considerations which are often interconnected: those regarding the existence and actual nature of a definite translation policy, and those related to the directness of translation

relação que têm caracterizado a tradução sob certas condições. (Toury, 2004, p.103)<sup>5</sup> (*texto em preto do original, sublinhado meu*)

Como se observa, Toury refere-se às "Normas" (iniciais, preliminares e operacionais) como um conceito basicamente histórico de equivalência. Embora nenhuma pesquisa tenha a capacidade de lidar com todos os lados de um fenômeno, é importante que o quadro de análise de NST não se reduza à análise linguística, como se as NST fossem simplesmente uma tipologia discursiva. Assim, proponho um modelo de análise abrangente das NST, como uma leitura da tese touriana sobre os fenômenos de translação de comunidades surdas, este modelo, que visa mostrar a inter-relação entre as normas culturais e linguísticas da tradução representa na figura 2.

No modelo, as NST não se destinam a representar um conceito metafísico atemporal do sistema (Parsons, Durkheim), linguagem (Saussure) ou cultura (Sapir-Whorf), mas *hipóteses explicativas* sobre as *descrições* específicas dos fenômenos de translação. Assim, uma NST dada (círculo maior) podem interagir com uma língua de sinais dada (o círculo pequeno intersectado da esquerda) num determinado momento (a posição específica do NST no contexto histórico do esquema), e com uma cultura surda específica (o círculo pequeno intersectado da direita). Por razões de espaço, não é possível mostrar outras diferentes variedades sociolinguísticas da língua de sinais, ou culturas surdas ou línguas de sinais, o que poderia gerar assim, distintas normas operacionais (matriz linguístico- textual) e diferentes normas preliminares possíveis (políticas de tradução e a *directness*<sup>6</sup> das traduções). No modelo, a interpretação da língua de sinais seria localizada dentro das normas -linguístico-textuais individuais duma determinada NST.

---

<sup>5</sup> La aparente contradicción entre un concepto tradicional de equivalencia y el modelo limitado sobre el que acabamos de decir que se moldea la traducción sólo se puede resolver postulando que son las normas las que determinan el tipo y grado de equivalencia que manifiestan las traducciones reales. El estudio de las normas constituye un paso vital para establecer cómo se ha actualizado el postulado funcional-relacional de equivalencia [...]: en un texto traducido, en el trabajo de un único traductor o "escuela" de traductores, en un periodo histórico dado o en cualquier otra elección justificable. Nuestra aproximación implica una voluntad clara de mantener la noción de equivalencia que varios enfoques contemporáneos (p.ej.: Hönig and Kußmaul 1982; Holz-Mänttari 1984; Snell-Hornby 1988) han tratado de eliminar, aunque introducimos un cambio esencial: de un concepto a-histórico, básicamente prescriptivo, pasamos a uno histórico. Más que tratarse de una relación única, que denota un tipo recurrente de invariante, se refiere a cualquier relación que haya caracterizado la traducción bajo unas condiciones determinadas. (Toury, 2004, p.103).

<sup>6</sup> *Directness*: Para Toury são as distintas instâncias ou "traduções ponte" que tem um texto traduzido para chegar da sua origem a sua língua e cultura alvo. Geralmente, um texto vai de uma só par de língua e cultura origem a outro só par alvo. Mas alguns traduções podem fazer outro esquema, que incluía outras línguas, culturas, modos e espaços.

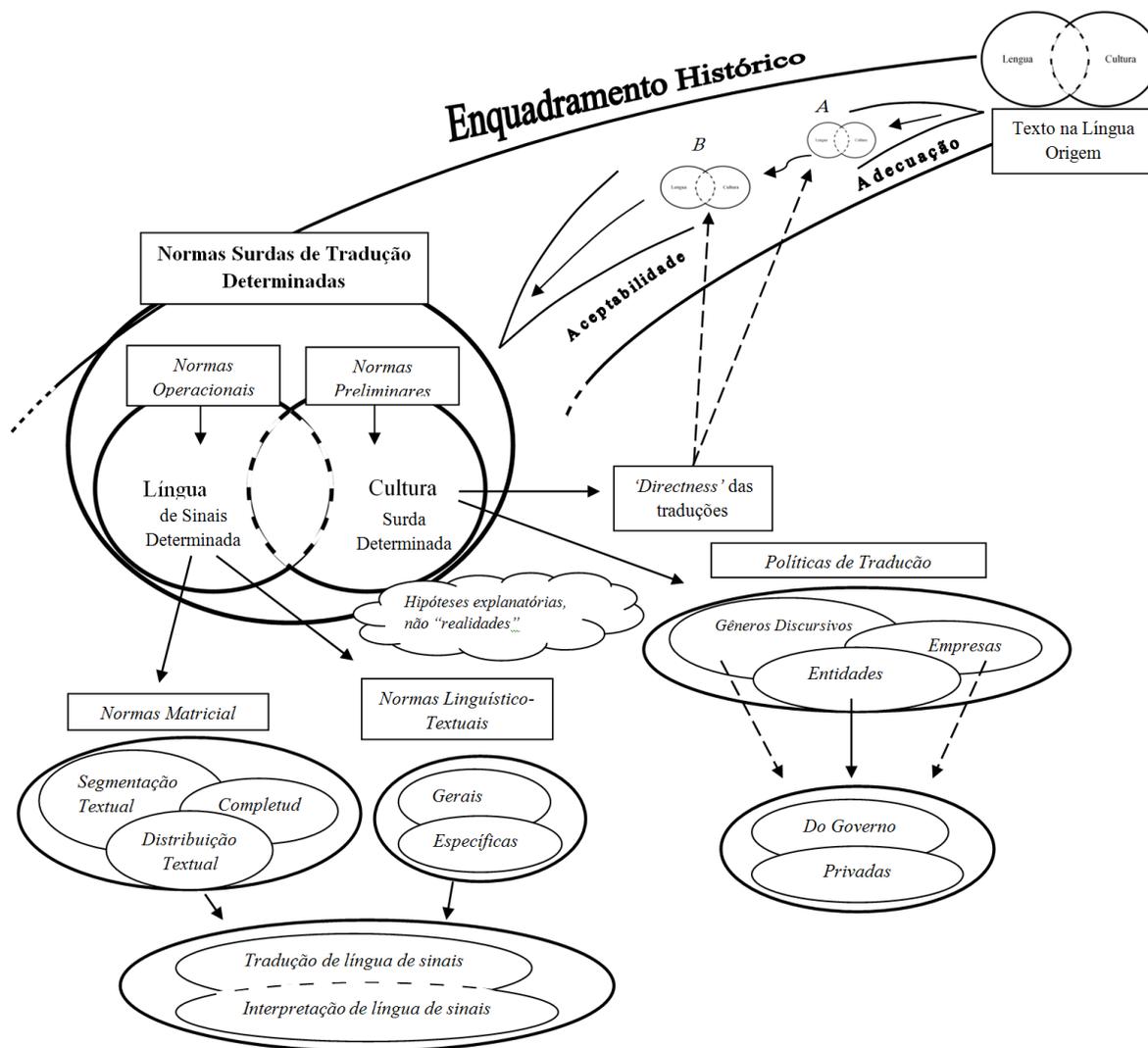


Figura 2: Modelo Integral para Análise de NST. (Barreto, 2014)

Como todas essas possibilidades não podem ser representadas graficamente, o modelo apresenta a intersecção com uma determinada cultura surda, enfatizando mais uma vez que ele não tem a intenção de apresentar a cultura surda como um conceito monolítico.

Para ilustrar este ponto, note que as NST brasileira proposto (Souza SX, 2010a, 2010b) em ambientes virtuais de aprendizagem no ensino superior seria configurada de forma diferente da proposta Segala (2010) e Machado (2013), devido à especificidade do contexto, mesmo ocorrendo no mesmo país, ao mesmo tempo e com a mesma língua de sinais (LIBRAS). Estas NST potencialmente podem variar nos contextos de gênero (Nicoloso, 2013), ascendência africanas (Furtado, 2012) ou indígenas (Vilhalva, 2012). Além disso, a NST brasileira teria diferenças ainda maiores das NTS propostas por Stone (2009), dos quais apenas é semelhante

relativamente ao mesmo tempo e, portanto, o mesmo sentido étnico do ser-surdo-no-mundo das comunidades surdas contemporâneas (cf. Deafhood, Ladd , 2003).

### NORMAS SURDAS DE TRADUÇÃO EM CONTEXTO: *PRESERVATION OF SIGN LANGUAGE* (VEDITZ, 1913)

Como é mostrado na primeira parte deste artigo, as normas de tradução (como a tradução ou interpretação em um determinado momento são definidas), não só se referem a aspectos linguísticos ou discursivos, mas também à dinâmica cultural, política e histórica. Nesta seção, vou realizar uma leitura de como as condições sócio-históricas têm uma profunda influência sobre a maneira como a tradução está configurada num texto específico de línguas de sinais.

O texto é a *Preservation of Sign Language* (1913) do ativista surdo americano George Veditz. A história de como este vídeo veio a ser a evidência direta que existe dum texto em língua de sinais, que tem mais de 100 anos, é relativamente simples. Em 1912, a Associação Nacional dos Surdos Estados Unidos (NAD) começou a recolher dinheiro para gravar uma série de histórias, sermões e poemas em língua de sinais americana, a fim de preservar um registro da língua, que até então, via-se ameaçada pelas tendências oralistas. A vídeo-gravação era uma invenção recente, os filmes acabaram por ser uma inovação tecnológica para a época que poucos podiam pagar, o que significava um esforço considerável por parte da NAD.

Atualmente, das 15 histórias que têm registros nos arquivos da Universidade de Gallaudet, *Preservation of Sign Language*, é um dos vídeos mais populares na rede e apreciados no mundo surdo. Ele está disponível no YouTube<sup>7</sup> no atual canal do NAD<sup>8</sup>. Diz-se muito pouco que *Preservation of Sign Language* foi traduzido, especificamente reescrito. Uma re-escrita particular, é claro.



Figura 3: Veditz sinalizando seu texto

### A RE-DESCOBERTA

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=XITbj3NTLUQ> recuperado no março 18, de 2014

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/user/NADvlogs> recuperado no março 18, de 2014

O ex-presidente da NAD, perdeu a audição aos 9 anos por uma febre escarlatina, então ele foi imediatamente ligado à Escola de Maryland para Surdos. Quando ele se formou no ensino fundamental e médio, não tinha recursos para ir a Universidade de Gallaudet, então trabalhou no departamento de imprensa em sua escola onde aprendeu em primeira mão o que se tornaria seu trabalho posterior como escritor e editor. Graduou-se com honras em 1884 a partir de Gallaudet para voltar como professor na sua antiga escola em Maryland. Ele foi editor de *Silent Courier*, um boletim impresso surdo e contribuiu como um escritor para jornais impressos várias vezes.

George Veditz, como orador e escritor prolífico, certamente, escreveu um esquema para organizar suas ideias. Essa pode ser a razão pela qual a apresentação do líder surdo começa um pouco rígida. (cf. Padden, 2004, p. 244). Agora, uma das razões pelas quais este discurso é o mais visto, sem dúvida, é o caráter espontâneo em seu discurso. O presidente da NAD, em seu apelo para a preservação da língua de sinais americana, lembra Martin Luther King enunciando sua lembrado *I have a dream* (Padden & Humphries, 2005, p. 64). Especialmente na expressão mais citada deste texto:

*A minha esperança é de que todos nós amemos e preservemos a nossa bela língua de sinais como o dom mais nobre dado por Deus às pessoas surdas. (Veditz, 2014)*

Como mencionado antes, embora Veditz pudesse ter um esboço escrito que guiou o seu discurso, sem dúvida, o mesmo vídeo é um texto original em sua *performance*. Agora, *Preservation of Sign Language* é um texto que está imerso na história e em relações culturais determinadas.

Tanto Carol Padden como Ted Supalla apontaram que este vídeo é de um valor inestimável. As fitas originais foram resgatadas na década de 70 pelos primeiros investigadores da mudança histórica das línguas de sinais (Frishberg, 1975). Supalla (2004, p. 262) menciona que os cientistas duvidam que a língua de sinais de Veditz, reflete a American Sign Language (ASL) falada do aquele tempo. Em última análise, o vídeo reflete como Veditz e seus colegas acreditavam que a linguagem deveria ser sinalizado idealmente. O registro da língua de sinais, como deveria ser preservada para a posteridade. No entanto, embora o texto da Veditz não seja puro (ver transcrição), é um texto de seu tempo, refletindo múltiplas dimensões.

Como é observado por Padden (Padden & Humphries, 2005, pp 57 - 77) após as filmagens, o vídeo foi apresentado em diferentes lugares em todo os Estados Unidos. Como a tecnologia de legendagem faltava, o vídeo sem som foi apresentado numa única peça. A partir das informações que temos sobre as cartas para Roy Steward, todos os patrocinadores para mostrar os vídeos eram surdos (alunos e professores surdos, igrejas surdas, clubes de surdos etc.). Aparentemente, não houve interesse em Veditz e comissão de NAD para fornecer uma versão interpretada do vídeo para o público em inglês. Até então havia um sentimento de separação entre a língua de sinais e a língua inglesa entre os surdos (Ibidem, p.69). Uma década

mais tarde, inúmeras cartas chegaram para Roy Steward, para permitir que o vídeo fosse apresentado em outro lugar. Estas cartas evidenciam que quando se apresentava para uma plateia onde havia ouvintes que não conheciam a língua de sinais, interpretação simultânea em voz alta e reprodução do vídeo ocorria, embora não fora muito comum e não se saiba que tipo de interpretação fora fornecido. A informação foi recuperada de arquivos de Steward, e o vídeo mostra a popularidade e interação das pessoas surdas com tecnologia, em relativamente pouco tempo após a sua chegada aos países do norte.

O discurso foi um texto de reflexão para os surdos, mas com uma mensagem clara para todos, ouvintes e surdos. Como Veditz menciona no texto, sua esperança era que 'em cinquenta anos [os] filmes [foram] inestimáveis' (Vediz, idem). Dois anos após as filmagens do vídeo, em 1915, Veditz escreveu uma carta ao Roy Steward, criticando a língua de sinais de alguns dos oradores que participaram. Nessa carta, entre outras observações Veditz inclui reescrever seu texto-vídeo 'como é que ele me lembrava'. Essa carta, com a tradução do texto original permaneceu escondido por quase nove décadas até 2001, quando Michael Olson foi descoberto em uma loja de souvenirs e antiguidades, a partir dum parente de Roy Steward. Foi uma redescoberta de sorte de *Preservation of Sign Language*.

#### TRADUÇÕES DE VEDITZ .

Mais tarde foram feitas traduções escritas em Inglês do vídeo. As mais famosas foram as de Eric Malzkuhn e Carol Padden. Estas traduções foram feitas diretamente do vídeo de Veditz sem dificuldade. Embora a mudança de 'entonação' gestual, e o fraseado corresponda a um tom solene, Veditz deixou muitas pistas sobre como deve-se traduzir sua ASL para a escrita. Algumas seções e algumas palavras-chave são expressamente apresentadas no inglês soletrado. Então, depois de décadas de ter traduzido a Veditz, o próprio Veditz apareceu reescrevendo o seu próprio texto. Esta situação específica permite fazer algumas comparações entre traduções e re-escritas.

O texto original de Veditz pode ser visto online (Veditz, 1913 [2010]). Devido às limitações de espaço e escopo deste artigo, é impossível analisar completamente o texto original em língua de sinais americana. Estudos futuros devem investigar estas questões, com textos históricos de outras línguas de sinais. Nos últimos anos, um site<sup>9</sup> de duas educadoras surdas, a Dr. E. Lynn Jacobowitz e a Dr. Adonia K. Smith, iniciaram um projeto para traduzir a frase mais célebre Veditz (*a minha esperança é de que todos nós amemos e preservemos a nossa bela língua de sinais como o dom mais nobre dado por Deus às pessoas surdas*) a outras línguas de sinais<sup>10</sup>. Versões de outras línguas de sinais foram filmadas por 'nativos' voluntários surdos em sua própria língua de sinais e disponibilizados em aquele site.

---

<sup>9</sup> No [www.aslrose.com](http://www.aslrose.com)

<sup>10</sup> <http://www.aslrose.com/veditzinbristol.php> Acesso em: 18 de marzo de 2014

Também estão disponíveis na versão web da tradução em inglês<sup>11</sup>, originalmente escrito por Carol Padden e a tradução para o espanhol<sup>12</sup> por Alejandro Oviedo, com base na tradução de Padden. A re-escrita de *Preservation of Sign Language* (Veditz, 1915) foi publicado em Padden (2004).

## Tradução de Veditz para o Português.

Para os fins deste artigo aparece abaixo a tradução de Preservação da Língua de Sinais para o português brasileiro.

### *A preservação da língua de sinais*

Tradução por Jose Ednilson Gomes de Souza (2014) ao partir da tradução do inglês de Padden (1988).

Amigos e colegas surdos:

As pessoas surdas francesas amam a Lépee. Todos os anos, por ocasião do seu aniversário, se reúnem em banquetes e festas para mostrar sua estima por este homem que nasceu nesta terra. Eles viajam a Versailles e colocam flores e coroas em seu túmulo em sinal de respeito à sua memória.

Eles têm o amado, porque ele foi seu primeiro professor. Mas eles o amam ainda mais por ser o pai e criador de sua bela língua de sinais. Durante os últimos 33 anos, com os olhos cheios de lágrimas e corações partidos, as pessoas surdas francesas têm visto sua bela língua de sinais arrancadas de suas escolas.

Durante os últimos 33 anos, eles se esforçam e lutaram para o retorno dos sinais nas escolas, mas durante os últimos 33 anos os seus professores os deixaram de lado e se recusaram a ouvir as suas preces. Mas os seus professores dão mais ouvido às exigências cruéis, sem valor, daqueles que pensam que sabem tudo sobre a educação de surdos, mas eles realmente não sabem nada sobre seus pensamentos e almas, seus sentimentos, desejos e necessidades.

É assim na Alemanha, também. Os surdos franceses e alemães olham para nós, as pessoas surdas dos Estados Unidos, com os olhos cheios de cobiça. Eles olham para nós americanos como se fosse um homem preso, acorrentado pelas pernas, olhando para outro homem livre que vai a qualquer lugar.

Eles admitem que os surdos nos Estados Unidos são superiores a eles em matéria de inteligência e espiritualidade, em seu sucesso no mundo, a sua alegria. E eles admitem que essa superioridade deva ser creditada a... a quê?

Por um lado, nós permitimos o uso da língua de sinais em nossas escolas. A inferioridade dos surdos franceses se base em uma coisa: o fato de que o

---

<sup>11</sup> <http://www.rid.org/UserFiles/File/pdfs/veditz.pdf> Recuperada o 18 de marzo de 2014

<sup>12</sup> [http://www.cultura-sorda.eu/resources/Veditz\\_preservacion\\_LS.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Veditz_preservacion_LS.pdf) Recuperada el 18 de marzo de 2014.

oralismo é obrigatoriamente ensinado em suas escolas. Eles eliminaram a datilologia.

Eles eliminaram os sinais. Mas nós, surdos americanos, estamos nos aproximando de tempos ruins em nossas escolas. Falsos profetas estão aparecendo agora com notícias ao público, segundo a quais as nossas formas de ensinar os surdos estão equivocadas. Esses homens tentaram educar as pessoas e fazê-los acreditar que o método oral é realmente uma das melhores maneiras de educar os surdos.

Mas nós, surdos americanos, nós sabemos, e os surdos franceses e os surdos alemães sabem que na verdade o método oral é o pior. Nossa bela língua de sinais agora está começando a mostrar os resultados de suas tentativas.

Eles tentam banir os sinais da sala de aula, das igrejas e da face da terra. Sim, eles têm tentado, e nossa língua de sinais está se deteriorando. Desde os tempos antigos, os mestres da língua de sinais, o Peets, os Dudleys, os Elys, os Ballards estão desaparecendo rapidamente. E nós, nos últimos anos, nós amávamos esses homens. Eles tinham um conhecimento preciso da língua de sinais. Eles podem se comunicar conosco usando apenas sinais, e nós podíamos entendê-los.

Mas, felizmente, ainda temos conosco vários professores da nossa língua de sinais. Edward Miner Gallaudet aprendeu a língua com seu pai, Thomas Hopkins Gallaudet. Há muitos outros como o Dr. John B. Hotchkiss, Dr. Edward Allen Fay e Robert P. MacGregor que ainda estão conosco. E nós queremos preservar os sinais como esses homens os utilizavam, mantê-los e passá-los às gerações vindouras. Há muitas pessoas entre nós que aprenderam os sinais de homens como estes. Muitos têm tentado preservar e transmitir seus sinais. Mas agora existe um meio de transmissão conhecidos deste para o futuro, por meio da utilização de vídeos.

Para isso, a nossa Associação Nacional de Surdos conseguiu levantar um fundo de US \$ 5.000. E nós temos produzido alguns filmes. Temos filmes sobre Gallaudet Edward Miner, Edward Allen Fay, John B. Hotchkiss e Robert MacGregor, dentre outros. Lamento que pudemos levantar US \$ 20.000, pois teríamos conseguido fazer tudo isso. Se tivéssemos esse montante, poderíamos ter gravado performances em língua de sinais, sermões em língua de sinais, aulas em língua de sinais. E não só nós, os surdos nos Estados Unidos, teriam desfrutado dos benefícios deste feito. Assim como os surdos na Alemanha, Inglaterra, Itália teriam visto esses filmes.

Em cinquenta anos, esses filmes serão inestimáveis. "Uma nova geração de faraós que não conhece José" está conquistando a terra e muitas das nossas escolas americanas. Eles não entendem os sinais que eles não sabem sinalizar. Eles proclamam que os sinais são inúteis e não são auxiliam aos surdos. Inimigos da língua de sinais, eles são inimigos do verdadeiro bem-estar dos surdos. Enquanto houver pessoas surdas na terra, teremos sinais. A minha esperança é de que todos nós amemos e preservemos a nossa bela língua de sinais como o dom mais nobre dado por Deus às pessoas surdas.

## Comparação de versões

Tabla 1: Comparação de Versões de *Preservation of the Sign language*

<b>Extrato <i>Preservation of the Sign Language</i> (1913)</b> Transcrição inspirada no Barry	<b>Extrato <i>The Preservation of the Sign Language</i> (1915)</b> Mesma re-escrita de	<b>Extrato <i>The Preservation of the Sign Language</i> (1988)</b>	<b>Extrato <i>La preservación de la lengua de señas</i> (2006)</b>
---	--	--	--

O'Neill <sup>13</sup> (O'Neill, 2001 ¿?)	George Veditz. (Na Padden, 2004)	Tradução de Carol Padden.	Tradução de Alejandro Oviedo
FRIENDS AND F-E-L-L-O-W D- E-A-F-M-U-T-E-S  FRENCH DEAF LOVE D-E L-E-P- E-E//YEAR-YEAR-YEAR HAPPEN HIS BIRTH DAY ARRIVE THEMSELVES GATHER- TOGETHER GO B-A-N-Q-U-E-T- S EAT EAT EAT FESTIVITIES// SHOW THEMSELVES HAPPY THAT MAN BORN ON HERE EARTH// THEMSELVES (REPEATED WITH BOTH HANDS) THEMSELVES (SWEEP) TRAVEL TO HIS DEATH-GRAVE V-E-R-S-A-I-L-L- E-S// PUT-PUT-PUT FLOWERS GREEN WREATH GRAVE// SHOW RESPECT FOR HIS MEMORY//  [...]  YEAR YEAR 33 UP-TO-NOW THEMSELVES TRY STRUGGLE FIGHT FOR AGAIN SET-UP SCHOOLS// <b>BUT YEAR YEAR 33 UP-TO-NOW THEIR TEACHER REMOVE-AND- CAST-ASIDE//</b>  [...]  GERMANY DEAF PLUS FRENCH DEAF LOOK-UP-TO US AMERICAN DEAF WITH EYES JEALOUS// THEMSELVES LOOK-UP-TO US LIKE SOMEONE PRISONER LOCK SHACKLE-ON-LEG  <b>LOOK-UP-TO SOMEONE OUTSIDE FREE WALK- AROUND//</b>  [...]  YEAR YEAR 50 FUTURE THAT MOTION PICTURE WILL BE P- R-I-C-E-L-E-S-S ONE NEW R-A- C-E O-F P-H-A-R-O-A-H-S-T-H- A-T K-N-E-W N-O-T J-O-S-E-P- H. NOW GRAB (3x) MASTER MANY OUR AMERICAN SCHOOL// THEMSELVES NOT	Friends and fellow <b>deaf- mutes:</b>  The French deaf people loved de l'Epee. Yearly they celebrate his birth day with festivals. With banquets, or with pilgrimages to Versailles where they lay flowers and wreaths on his tomb.  [...]  For thirty-three years they have been fighting for its restoration. <b>For thirty-three years their teachers have held them off with a hand of steel. This teachers listen not to this prayer of the deaf</b>  [...]  The French and German Deaf look upon the American deaf with envious eyes. <b>They look upon us as prisoners bound in chains look upon those walk about free in God's air.</b>  [...]  Fifty years from now, these films will be priceless.	Friends and fellow <b>deaf-mutes:</b>  The French deaf people loved de l'Epee. Every year on the occasion of his birthday, they gather together at banquets and festivities to show their appreciation that this man was born on this earth. They journey to his gravesite in Versailles and place flowers and green wreaths on his grave to show their respect for his memory.  [...]  For the last 33 years, they have strived and fought for the restitution of signs in the schools <b>but for 33 years their teachers have cast them aside and refused to listen to their pleas.</b>  [...]  The German deaf people and the French deaf people look up at us American deaf people with eyes of jealousy. <b>They look upon us Americans as a jailed man chained at the legs might look upon a man free to wander at will.</b>  [...]	Amigos y compañeros <b>sordomudos:</b>  La gente sorda francesa ha amado a de l'Epee. Cada año, en ocasión de su cumpleaños, se reúnen en banquetes y festividades para mostrar su alegría de que ese hombre haya nacido sobre esta tierra. Ellos viajan hasta el cementerio de Versailles y colocan flores y coronas verdes sobre su tumba en muestra de respeto hacia su memoria.  [...]  Durante los últimos 33 años, ellos se han esforzado y han luchado por la restitución de las señas en las escuelas, <b>pero durante los últimos 33 años sus maestros los han hecho a un lado y han rechazado oír sus ruegos.</b>  [...]  La gente sorda alemana y la francesa nos mira, a la gente sorda de los Estados Unidos, con ojos llenos de celos. <b>Ellos nos miran como un hombre preso, con las piernas encadenadas, miraría a un hombre libre de caminar adonde quiera.</b>  [...]  Dentro de cincuenta años, estas películas serán

<sup>13</sup> [http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/boneill/index\\_files/veditz.html](http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/boneill/index_files/veditz.html) recuperado o 31 de março do 2014

<p>UNDERSTAND SIGN BECAUSE THEMSELVES CAN'T SIGN// ANNOUNCE SIGNS NOTHING HELP DEAF NOTHING//E-N-E-M-I-E-S-O-F S-I-G-N L-A-N-G-U-A-G-E, T-H-E-Y A-R-E. E-N-E-M-I-E-S O-F T-H-E T-R-U-E W-E-L-F-A-R-E O-F T-H-E D-E-A-F//</p> <p>WE NEED THAT VARIOUS FILMS FOR KEEP PASS-ON (3x) OUR BEAUTIFUL SIGN//A-S L-O-N-G A-S HAVE DEAF ON EARTH WE WILL HAVE SIGNS//</p> <p>AND A-S L-O-N-G A-S HAVE OUR FILMS WE WILL CAN PRESERVE OUR BEAUTIFUL SIGNS IN THAT THEIR OLD P-U-R-I-T-Y</p> <p>I HOPE WE ALL WILL LOVE GUARD OUR BEAUTIFUL S-I-G-N L-A-N-G-U-A-G-E T-H-E N-O-B-L-E-S-T G-I-F-T THAT GOD GAVE TO THE DEAF//</p>	<p>The N.A.D has rendered the deaf an inestimable service in raising this fund. Not only we American deaf, but the deaf of England, of France, of Germany, of Italy will benefit from the films.</p> <p>These films are destined to cross the ocean and bring happiness to the deaf of foreign lands. As long as there are deaf mutes we shall have signs. As long as these films exist we shall preserve our beautiful sign language in its purity. <b>I hope that you all will cherish and defend this beautiful language as the greatest gift that God has given us.</b></p>	<p>Fifty years from now, these moving picture films will be priceless. <b>"A new race of pharaohs that knew not Joseph"</b> are taking over the land and many of our American schools. They do not understand signs for they cannot sign. They proclaim that signs are worthless and of no help to the deaf. Enemies of the sign language, they are enemies of the true welfare of the deaf. As long as we have deaf people on earth, we will have signs. <b>It is my hope that we all will love and guard our beautiful sign language as the noblest gift God has given to deaf people.</b></p>	<p>invalorables. <b>"Una nueva raza de faraones que no conoce a José"</b> está conquistando la tierra y muchas de nuestras escuelas estadounidenses. Ellos no entienden las señas pues no saben señar. Ellos proclaman que las señas carecen de valor y no son útiles para los sordos. Enemigos de la lengua de señas, ellos son enemigos del bienestar verdadero de los sordos. Mientras tengamos gente sorda sobre la tierra, tendremos señas. <b>Es mi esperanza que todos nosotros amemos y preservemos nuestra hermosa lengua de señas como el más noble don que Dios les ha dado a las personas sordas.</b></p>
--	---	--	---

## CULTURA SURDA E TRADUÇÃO

Nesta escrita, eu tenho falado de cultura surda sem uma definição concreta. Desde que o termo começou a se popularizar, cultura surda tem sido definida como o conjunto de relações simbólicas que são construídas pelos surdos para sua condição (Padden & Humphries, 1988). Esta definição tornou-se mais complexa nas reflexões de outras regiões da América do Norte, particularmente no Brasil (Perlin & Stumpf, 2012) (Karnopp, Klein, & Lazzarin, 2011) (Silva, 2012). Embora hoje em dia o conceito de cultura estar sendo abandonado na maioria das disciplinas, por sua natureza ambígua assumimos aqui uma definição de cultura em termos antropológicos, a cultura é, então, *ação social*. O conceito refere a práticas históricas e geograficamente situadas. Assim, para este trabalho, a cultura surda é (cf. Díaz de Rada, 2010):

*o conjunto de regras (emic) que utiliza o surdo para moldar suas ações sociais e, ao mesmo tempo, o conjunto de regras (etic) se relacionar com mesmas regras (emic) em cada situação específica. (Barreto, 2013)*

A distinção emic/etic nível antropológico, deve ser entendida como a diferença entre o que as pessoas fazem de acordo às convenções sociais que elas têm internalizadas (emic) e as explicações (etic) que alguém poderia dar de tais ações. Assim, a cultura surda deve ser

entendida como ações que são moldadas pelo uso que o surdo dá ao conjunto de regras que têm internalizadas como surdo, em sua interação social com o mundo.

*Preservation of Sign Language* é um contributo valioso para a análise da cultura e das normas de tradução surdas. Há vários condicionamentos culturais do texto e das traduções. O primeiro é o uso do inglês soletrado por Veditz. Como ele perdeu a audição aos 9 anos, o seu uso do Inglês é muito bom, ao contrário de outros surdos de nascença, este fato qualificou a Veditz como um "homem de letras" (Bjorlee, 1937). Outro condicionamento histórico e cultural importante é a metáfora religiosa que observa-se muito no argumento no final. As frases "Faraós que não conhecem Joseph" e "o dom mais nobre dado por Deus às pessoas surdas" confirmam o mesmo.

O condicionamento de Inglês é relevante. Veditz especificamente soletrou palavras em inglês que queria marcar o significado do seu texto. Na verdade, quando se escreve a versão escrita do vídeo, ele não poderia evitar melhorar algumas seções. Então ele realizou algumas omissões e adições de alguns palavras ocasionais. Isso ilustra um aspecto importante dos registros de línguas de sinais em relação à língua falada do país. Estudos posteriores sobre traduções para outras línguas de sinais e línguas faladas produziram dados úteis sobre como a tradução está configurada de acordo com a cultura e história.

### **ASL para Inglês (Padden , 2004)**

Como é mencionado anteriormente, Carol Padden teve a oportunidade de comparar sua tradução do vídeo com a re-escrita do mesmo por Veditz. Em sua experiência de conversão e de encontro com a re-escrita com o texto, ela fez algumas notas no *Translating Veditz (2004)*, embora, não se utilize as categorias dos estudos da tradução.

Em primeiro lugar, é interessante que Veditz (1915) tem várias omissões e adições como escrevemos anteriormente. Se compreendermos essa re-escrita como uma tradução do autor, tais omissões e adições atendem critérios de *aceitabilidade* toureano (Toury, 2004). Nos estudos de tradução descritivos, a aceitabilidade é definida como as configurações dum texto traduzido para responder à cultura da língua alvo. Por outro lado, tais ajustes para a língua-alvo e da cultura, podem ser lidos como restrições da relações de poder em textos e agentes específicos, ou seja, com claras intenções de *domesticação*<sup>14</sup> (Venuti, 1992).

Por exemplo, na frase original, em sinais: "BUT YEAR YEAR 33 UP-TO-NOW THEIR TEACHER REMOVE-AND-CAST-ASIDE// " (Veditz, 2001¿?) a expressão CAST ASIDE (deixaram de lado) pode ser formulada mais precisamente em ASL como: GRAB-HOLD-FORCEFULLY-PUSH-DOWN. (Veja a figura). Padden ao traduzir a frase a fez como: "*but for 33 years their teachers have cast them aside and refused to listen to their pleas*" (Veditz, 1988) No entanto, em reescrevendo Veditz, optou-se por escrever "*For thirty-three years their teachers have held them off with a hand of steel,*" (Veditz, 1915). Isso cria uma interessante reflexão em termos de

---

<sup>14</sup> *Domesticação*: Para Venuti, Ações deliberadas para configurar uma tradução de acordo com os parâmetros específicos duma cultura alvo. Assim, ratifica-se, por meio das relações de poder, a invisibilidade da cultura origem.

tradução para a língua de sinais. Veditz entende que cada língua tem o seu próprio poder para transmitir seus próprios significados. Em sua reformulação, ele escolheu uma figura metafórica do Inglês.

Figura 4: Veditz sinalizando GRAB-HOLD-FORCEFULLY-PUSH-DOWN



O mesmo pode ser visto na frase LOOK-UP-TO SOMEONE OUTSIDE FREE WALK-AROUND (Veditz, 2001¿?) (“Eles olham para nós americanos como se fosse um homem preso, acorrentado pelas pernas, olhando para outro homem livre que vai a qualquer lugar”). O Qual foi reescrito por Veditz como “*They look upon us as prisoners bound in chains look upon those walk about free in God’s air*” (Veditz, 1915).

Curiosamente, a frase final: I HOPE WE ALL WILL LOVE GUARD OUR BEAUTIFUL S-I-G-N L-A-N-G-U-A-G-E T-H-E N-O-B-L-E-S-T G-I-F-T THAT GOD GAVE TO THE DEAF//” (Veditz, 2001¿?) a palavra “noblest gift” foi transliterado usando o alfabeto manual. No entanto, em sua reformulação, ele muda “I hope that you all will cherish and defend this beautiful language as the greatest gift that God has given us”. (Veditz 1915).

Se você olhar no geral, reescrevendo texto Veditz, não tem diferenças substanciais com a principal tradução Inglês, mas mostra várias características históricas e culturais. Esses exemplos de aceitabilidade mostram que a reescrita respondeu a critérios da cultura escrita do Inglês e a cultura norte-americana do início do século XX. Ambos os textos, o antigo em ASL e o texto no Inglês são textos de seu tempo.

### *REFLEXÕES PARA A AMÉRICA LATINA*

É importante notar que, ao contrário das análises que são normalmente realizadas com intérpretes de língua de sinais, o processo mencionado, com texto original de Veditz (1913), é claramente um processo de *tradução* e re-escrita, não de *interpretação*. Pouco fala-se na literatura destes processos de tradução de língua de sinais. Como são as reescritas de textos em língua de sinais? Que tipo de Normas são estabelecidas? Estas perguntas devem ser feitas sobre textos específicos na América Latina. A tarefa principal é a seguinte: Inicie determinando qual é o texto mais antigo a língua de sinais que tem uma língua de sinais especifica. Por exemplo, o

que é o mais antigo de vídeo- texto que temos da LIBRAS, ou LSC ou LSA<sup>15</sup>? Este, sem dúvida, vai começar a ser um desenvolvimento da linguística histórica das línguas de sinais de cada país.

Por outro lado, é interessante notar que as decisões tomadas por Padden como tradutor de Veditz responde a uma estratégia de *adequação* toureana claramente, ou seja, a tradução é um texto que acompanham de perto a estrutura e a forma da língua de origem. Enquanto as decisões de reescrita de Veditz respondem a um critério de *aceitabilidade* (Toury, 2004). Este fato histórico, pode nos ensinar muito sobre como as traduções cumprem determinadas relações sociais e históricas y como o transvase de significado na tradução é diverso.

Será que a tradução atual Veditz, (1913) deve mencionar "surdo-mudo" ou só "surdo"? É certo, que Veditz soletrou especificamente FRIENDS AND F-E-L-L-O-W D-E-A-F M-U-T-E-S (Veditz, 2001;?), mais Veditz estava sinalizando e não escrevendo. A re-escrita de Veditz mostra que ele fora escrito de acordo com à norma escrita, para o benefício dos surdos. As traduções contemporâneas podem tomar decisões distintas dependendo da perspectiva tomada ao se traduzir. Os sinais D-E-A-F M-U-T-E-S que foram reescrito por Veditz e traduzido por Padden como "deaf-mutes", atualmente corresponderia ao termo "surdo" devido as conotações negativas que tomou em várias partes do termo "surdo-mudo". De fato, hoje existem muitos termos em diferentes línguas de sinais para diferenciar *surdo* e *surdo e mudo*. Por exemplo, na ASL, as sinais DEAF-CLOSE e DEAF foram discutidos em relação ao texto original e traduções de Veditz (Wingfield, 2007). O sinal SURDO (embora metaforicamente refere-se aos ouvidos e boca), não tomou mudanças de conotações semânticas, ainda é amplamente utilizada pelos surdos no mundo, em muitas línguas de sinais. No entanto, SURDO atualmente para surdos não é depreciativo, mas surdo sem o mudo. Se traduz-se DEAF o D-E-A-F-M-U-T-E-S como *surdo-mudo* se respeita a forma original (adequação) mas se perde o sentido original da identidade cultural dos termos (aceitabilidade). Carol Padden e Alejandro Oviedo (no espanhol), têm seguido uma perspectiva de adequação na tradução ao traduzir D-E-A-F-M-U-T-E-S como "surdo mudo". No entanto, essas decisões não consideram a intenção original do Veditz, para aumentar as vantagens do idioma Inglês para transmitir a mensagem. (i.e. mão de ferro ). Ou seja, se para o tempo de Veditz (1915), historicamente "surdo-mudo " fora humilhante, com certeza, ele não tinha usado essa palavra na sua versão escrita.

É importante dizer uma coisa mais sobre *Preservation of Sign Language* à luz do conceito de *directness* dos estudos descritivos de tradução tourianos. Tradicionalmente, tem determinado as direções de língua de sinais para a linguagem falada (LS - LF) e vice-versa como os processos inerentes à interpretação, em primeiro lugar, e, portanto, como "ordem natural" do processo de tradução de surdos. No entanto, essa ordem é *discursivo*, o seja, construído pela linguagem. A tradução é um produto cultural é construído por agentes localizados histórica e geograficamente, sua direção também é um assunto construído pelo discurso.

Uma análise do "grau de diretividade" de traduções reais na América Latina podem lançar resultados interessantes. Por exemplo, o texto completo de Veditz na língua de sinais americana (ASLx) foi re-escrito (Rix) para um texto específico pelo mesmo autor surdo. Assim, pode haver

---

<sup>15</sup> LIBRAS, lingua de sinais brasileira; LSC, Lingua de sinais colombiana; LSA, lingua de sinais argentina.

um ordem inicial (LSX - Rix) que deve ser explorada em outras traduções reais documentadas na região. Pode haver muitas traduções que são apenas reescritas desta forma. Ver figura 5

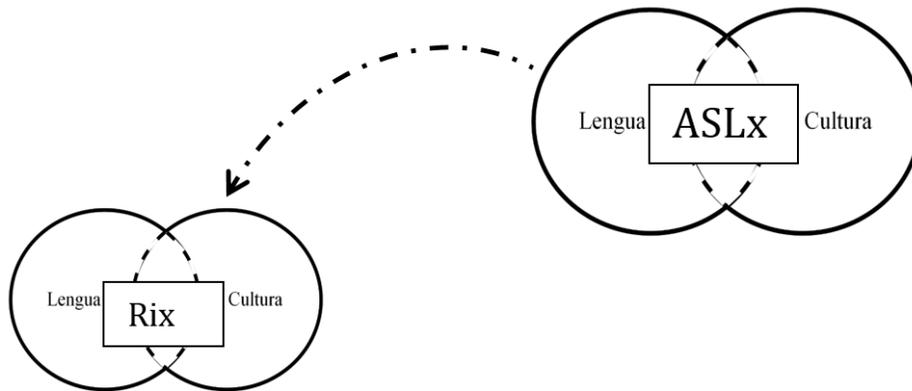


Figura 5: Direção possível Língua de sinais – reescrita.

Do texto de Veditz (ASLx) Padden fez a sua tradução para uma língua Inglês escrito em uma versão "oficial" (Lx). Isso iria seguir a seguinte ordem (ASLx - Lx). Como há possibilidades de que traduções escritas (Lx) sejam contrastadas com as reescritas (Rix), este processo poderia gerar uma versão adequada de acordo com a intenção do autor, que não poderia ter sido capturada pelo tradutor. Esta versão seria um ASLx tradução melhorada (Lix<sub>1</sub>). Como mostra a figura 6 abaixo.

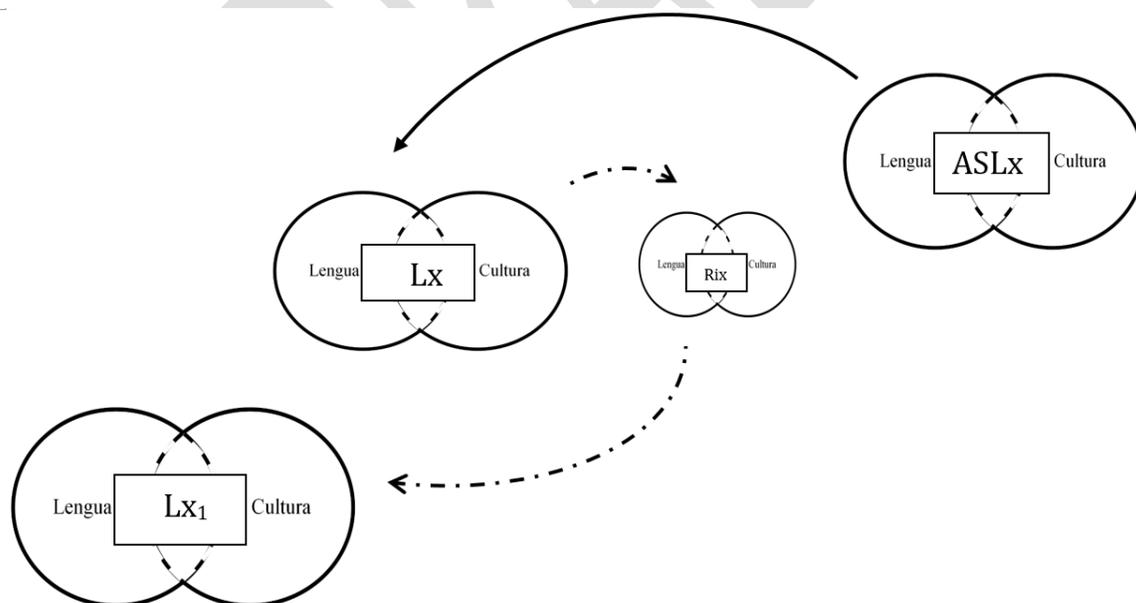


Figura 6: Direções possíveis com a reescrita.

Agora, um texto ASLx foi traduzido para outras línguas escritas neste caso, a língua espanhola (Lex) e Português (Lpx) partindo de Lix como língua origem. Assim, as outras versões linguísticas deste texto não são parte de padrão abstrato de direção língua de sinais a língua falada. (LS - LF) como o mostra a figura 7.

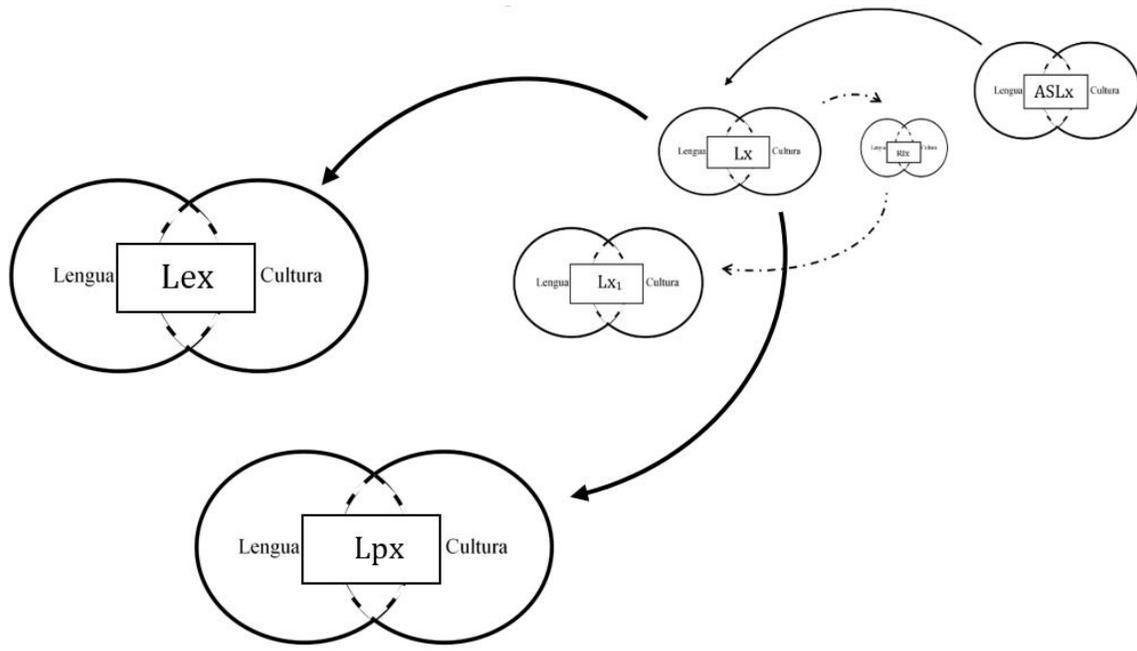


Figura 7: Direção de tradução de Veditz para escritas de línguas faladas.

O caso referido da ASL Rose é mais interessante, tendo em vista que um determinado segmento do texto de origem ( $ASLx_a$ ) e seu equivalente na tradução de uma língua falada (A minha esperança é de que todos nós amemos e preservemos a nossa bela língua de sinais como o dom mais nobre dado por Deus às pessoas surdas), neste caso ( $Lx_a$ ), é extraído para tradução-adaptação (Amorim, 2005) a outras línguas de sinais ( $XSLx_a$ ,  $YSLx_a$ , etc.). Assim, nosso esquema de a *directness* de *Preservation of Sign Language* ficaria mais completo. Figura 8.

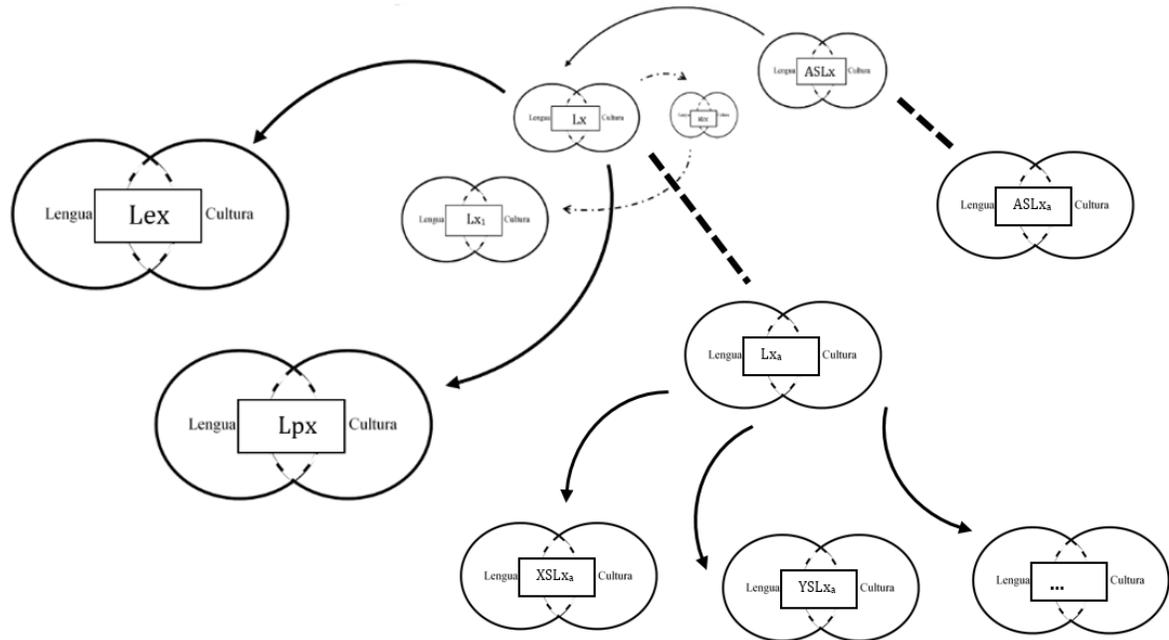


Figura 8: Esquema completo da directness de *Preservation of Sign Language*

Cada instância deste esquema da *directness* de *Preservation of Sign Language* tem um contexto histórico e cultural particular. Lx é realizada por uma pesquisadora no contexto acadêmico Surdos (Gallaudet, e outros) e também político (Associação Nacional de Surdos de América do Norte -NAD). Oviedo faz a tradução no contexto de um site divulgação hispânico. Gomes realiza a tradução no contexto de publicação deste documento.

Este exercício não é feito, a fim de sugerir que nós podemos determinar qualquer tradução, mas como uma hipótese explicativa do que poderia ser o fenômeno da tradução textos de língua de sinais através da história. A *directness* de *Preservation of Sign Language* pode nos mostrar as possibilidade de pesquisa dos contextos históricos das traduções/interpretações para línguas de sinais de outros países. Este tipo de corpus, pode nos ensinar muito sobre como a tradução e a interpretação mudam ao longo do tempo e, portanto, não são apenas uma questão linguística, mas um produto situado na cultura e na história.

## Trabalhos citados

- Abercrombie, N., Hill, S., & Turner, B. (1998). *Diccionario de Sociología*. Madrid: Cátedra.
- Albres, N. d., & Santiago, V. d. (2012). *Libras em Estudo: Tradução/Interpretação*. São Paulo: Feneis - SP.
- Allen, B., Boudreault, P., Cogen, C., Cokely, D., Doucette, D., Farlow, P., et al. (2012). *Annotated Bibliography*. (National Consortium of Interpreter Education Centers) Retrieved 04 23, 2013, from Deaf Interpreter Institute: <http://www.diinstitute.org/resources-2/annotated-bibliography/>
- Amorim, L. M. (2005) *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP
- Barreto, A. y Bustos, O. (2012). *Teorias de la Traducción/Interpretación en plastilina*. Bogotá: Ediciones ANISCOL.
- Barreto, A (2013) *Los rituales de presentación de los sordos en contextos formales: Análisis de un evento regional en el Caribe colombiano*. Informe inédito: Instituto Nacional para Sordos
- Barreto, A (2014) *Intérpretes de lengua de señas en la educación de Sordos: Una lectura de la obra de Harlan Lane*. Monografía especialización inédita. Universidad Nacional Abierta y a Distancia.
- Cohen, P. S. (1968). *Modern Social Theory*. London: Heinemann Educational Books.
- Diaz de Rada, A. (2011) *Cultura, Antropología y otras tonterías*. Madrid: Trotta.
- Gentzler, E. (2001 [1993]). *Contemporary Translation Theories*. London: Multilingual Matters Press.
- Gouldner, A. (1960). The Norm of Reciprocity: A Preliminary Statement. *American Sociological Review*(25), 161-178.
- Jacobowitz, E. L., & Smith, A. K. (2004). *Veditz around the word*. Recuperado el 12 de Febrero de 2012, de ASL Rose: <http://www.aslrose.com/>
- Janzen, T. (Ed.). (2005). *Topics in Signed Language Interpreting: Theory And Practice*. London: John Benjamins Company Publisher.
- Ladd, P. (2003). *Underestanding of Deaf Culture*. Multilingual Matters Limited .
- Leite, E. M. (2005). *Os papéis do Intérprete na sala de aula inclusiva*. Petrópolis, RJ, Brasil: Arara Azul.

- Machado, F. d. (2013). *Simetria na Poética Visual na Língua Brasileira de Sinais*. Universidade Federal de Santa Catarina, PGET - Pos-Graduação em Estudos de Tradução. Florianópolis: UFSC.
- Metzger, M. (2010). Os Destaques das Pesquisas sobre Interpretação de Língua de Sinais no Contexto Acadêmico da Interpretação Comunitária. *Cadernos de Tradução*, 26(2), 13 - 61.
- Moya, V. (2004). *La Selva de la Traducción*. Madrid: Cátedra.
- Napier, J., Mckee, R., & Goswell. (2010). *Sign Language Interpreting: Theory and practice in Australia and New Zealand* (2 ed.). Sydney: The Federation Press.
- O'Neill, B. (2001 ¿?). The Preservation of the Sign Language -- George W. Veditz. Retrieved April 1, 2014, from [http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/boneill/index\\_files/veditz.html](http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/boneill/index_files/veditz.html)
- Olson, M. J., & van Cleve, J. V. (2004). Preservation Serendipity: The Gallaudet University Archives and the Veditz Transcription. *Sign Language Studies*, 4(3), 239-243.
- Oviedo, A. (Ed.). (29 de Junio de 2006). *La Preservación de la Lengua de señas de George Veditz*. Recuperado el 12 de Febrero de 2012, de Cultura Sorda: [http://www.cultura-sorda.eu/resources/Veditz\\_preservacion\\_LS.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Veditz_preservacion_LS.pdf)
- Padden, C. (2004). Translating Veditz. *Sign Language Studies*, 4(3), 244 - 260.
- Padden, C., & Humphries, T. (1988). *Deaf in America: Voices from a Culture*. Cambridge: Harvard University Press.
- Padden, C., & Humphries, T. (2005). *Inside Deaf Culture*. Cambridge: Harvard University Press.
- Perlin, G., & Stumpf, M. R. (2012). *Um Olhar Sobre Nós Surdos*. Curitiba: Editora CRV.
- Quadros, R. M., Fleetwood, E., & Metzger, M. (2013). *Signed language interpreting in Brazil*. Washington: Galaudet University Press.
- Rosa, A. D. (2008). *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Petrópolis, Brasil: Editora Arara Azul.
- Ryan, A. (1970). *The Philosophy of the social sciences*. London: Macmillan.
- Segala, R. r. (2010). *Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Universidade Federal de Santa Catarina, PGET - Pos-graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC.
- Silva, C. A. (2012). *Cultura Surda: Agentes Religiosos e a Construção de Uma Identidade*. Sao Paulo: Terceiro Nome.

- Souza, S. X. (2010). *A Norma Surda de Tradução em Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem: O Caso do Curso de Letras-Libras da UFSC*. Recuperado el 23 de 04 de 2013, de II congresso nacional de pesquisas em tradução e interpretação de LIBRAS y lingua portuguesa: <http://www.congressotils.com.br/anais2010/Saulo%20Xavier%20de%20Souza.pdf>
- Souza, S. X. (2010). *Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de letras-libras*. Universidade Federal de Santa Catarina, PGET - Pos-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC.
- Souza, S. X. (2010). *Performances de Tradução para a Língua Brasileira de Sinais Observadas no Curso de Letras-Libras*. Florianópolis: Dissertação de mestrado, UFSC.
- Stone, C. (2009). *Toward a Deaf Translation Norm*. Washintong: Gallaudet University Press.
- Toury, G. (1995). The Notion of 'Assumed Translation' - An Invitation to a New Discussion. En H. Bloemen, E. Hertog, & W. Segers (Edits.), *Letterlijkheid, Woordelijkheid / Literality, Verbality* (págs. 135-147). Antwerpen/Harmelen: Fantom.
- Toury, G. (2004). *Estudios descriptivos de la traducción y más allá*. (R. Rabadán, Trad.) Madrid, España: Cátedra.
- Veditz, G. W. (28 de Diciembre de 2010 [1913]). *Preservation of the Sign Language by George W. Veditz*. Recuperado el 12 de Febrero de 2012, de NADVlogs: <http://www.youtube.com/watch?v=XITbj3NTLUQ>
- Veditz, G. W. (1915). *The Preservation of Sign Language*. Em: (*Translating Veditz*; Padden, 2004)
- Veditz, G. W. (1988). *The Preservation of Sign Language by George W. Veditz*. Em: Padden, C., & Humphries, T. (1988). *Deaf in America: Voices from a Culture*.
- Veditz, G. W. (2001¿?). *The Preservation of Sign Language*. Em O'Neill, B. (2001 ¿?). *The Preservation of the Sign Language -- George W. Veditz*. Retrieved April 1, 2014, from [http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/boneill/index\\_files/veditz.html](http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/boneill/index_files/veditz.html)
- Veditz, G. W. (2006). *La preservación de la lengua de señas*. Traducción de Alejandro Oviedo Recuperado el 18 de marzo de 2014 de [http://www.cultura-sorda.eu/resources/Veditz\\_preservacion\\_LS.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Veditz_preservacion_LS.pdf)
- Veditz, G. W. (2014). *A preservação da língua de sinais*. Traducción de Jose Ednilson Gómes de Souza. Inédito.